

GRUPO ESCOTEIRO SÃO JUDAS TADEU - 17- PR
INSÍGNIA DO APRENDER

**Processos da implementação de ambientes virtuais de aprendizagem na
sociedade digital**

TRABALHO CIENTÍFICO

CURITIBA
2019

PEDRO HENRIQUE REIS DE MORAIS

**Processos da implementação de ambientes virtuais de aprendizagem na
sociedade digital**

Trabalho Científico do Clã Pioneiro,
apresentado ao item Atitude para
aprender e ensinar, da Insígnia do
aprender do Grupo Escoteiro São Judas
Tadeu - 17 - PR, como requisito parcial
para a obtenção da Insígnia de BP.

Assessora: Mestre Ana Julieta Vieira
Ouriques.

Curitiba
2019

Dedico este trabalho à todos os voluntários, contribuintes e jovens, que fazem, com o escotismo, um mundo melhor todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora M.^a Ana Julieta Vieira Ouriques e M.^a Ana Maria Carlini , pela sabedoria com que me guiou nesta trajetória.

Aos meus colegas de clã.

A Antigos e Atuais Chefes.

A Diretoria do Grupo Escoteiro São Judas Tadeu, pela dedicação na construção de um ambiente de desenvolvimento saudável.

Gostaria de deixar registrado também, o meu reconhecimento à minha família.

Enfim, a todos os voluntários da Organização Mundial do Movimento Escoteiro que por algum motivo contribuíram em a minha trajetória.

“Um livro abre outro”

- C. G. Jung.

RESUMO

de MORAIS, Pedro H.R. **Processos da implementação de ambientes virtuais de aprendizagem na sociedade digital**.2020. Trabalho Científico do Clã Pioneiro – Insígnia do Aprender. Grupo Escoteiro São Judas Tadeu - 17 - PR, 2020.

Neste trabalho é apresentado o processo de aplicação de uma estrutura de educação a distância de maneira progressiva: das razões e vantagens da introdução deste método na educação, sustentada por teses construtivistas; Planejamento de um ambiente virtual de aprendizado; A relação da didática com a tecnologia utilizada no design educacional; A adaptação do módulo online no ensino tradicional e então a manutenção mesmo; E por fim, o debate sobre a evolução dos métodos de ensino digital. Concluindo assim, que se bem estudado, planejado, gerido e atualizado o aprendizado em ambientes virtuais pode ser uma ferramenta que expande os horizontes da educação presencial.

Palavras-chave: educação a distância - tecnologia da informação e comunicação - ambientes virtuais de aprendizado.

LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
EaD	Ensino a Distância
ForGRAD	Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação
UCLA	Universidade da Califórnia Los Angeles
AVA	Ambientes Virtuais de Aprendizado
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MBA	Master of Business Administration

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	PLANEJAMENTO DE UMA AVA.....	12
2.1	O papel do Design Educacional.....	12
2.2	Gestão, atuação e aplicação da AVA.....	13
2.2	Métodos de EAD e suas estruturas	16
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
	REFERÊNCIAS.....	19

1 INTRODUÇÃO

Testemunhado e redigido em livros, a primeira revolução industrial trouxeram diversas inovações, entre elas, máquinas ágeis e maiores demandas do mercado, exigindo assim, cada vez mais mão-de-obra com o objetivo de alimentar seus processos o que excitou crianças e jovens a ingressarem nestes. Retirando-os de uma possível educação formal, como as que conhecemos atualmente, uma vez que não era previsto em Lei.

Então, o conhecimento que antes era controlado pela religião no início do Século XVI, agora era capturado, em seu início por patrocinadores e com o decorrer dos séculos, pelas indústrias que despertavam a atenção do capital, na conceituada “Revolução Científica” datada entre os séculos XVI e XVIII e defendida por Auguste Comte, principalmente em sua obra Lei dos Três Estados onde constava suas teses positivistas, o que lhe deu o título de filósofo cientista, essa asserção de desenvolvimento humano-científico como forma de progressão estava presente em diferentes obras caracterizava sua doutrina:

“Chega-se assim gradualmente a descobrir a invariável hierarquia, a um tempo histórica e dogmática, igualmente científica e lógica, das seis ciências fundamentais, a matemática, a astronomia, a física, a química, a biologia, e a sociologia, das quais a primeira constitui necessariamente o ponto de partida exclusivo e a última o fim único e essencial de toda a filosofia positiva, considerando doravante como formando, por sua natureza, um sistema verdadeiramente indivisível, onde toda a decomposição é radicalmente artificial, sem ser, aliás, de nenhum modo, arbitrária, relacionando-se tudo isso enfim à Humanidade, única concepção plenamente universal”.(Comte: 2007, p.94).

Por sua vez, a indústria ,ainda prematura naquele período, em seu primeiro período, representava apenas a metonímia do que o fenômeno poderia acarretar na sociedade. Em um segundo período desse fenômeno, apresentou a dualidade do domínio científico, que concentrava o conhecimento em indústrias oprimida pelos meios de produção.

Max Horkheimer caracterizou tal concentração como involução na busca pela razão crítica , uma vez que tais empresas utilizavam a razão instrumental

apenas para a dominação e exploração da natureza, subordinando assim, indivíduos menores à tais indústrias que conduziam a sociedade (HORKHEIMER,1941,p.366).

Dissolvendo então tal domínio científico em diversos polos em seu terceiro estágio, com a evolução dos meios de comunicação e, além do desenvolvimento, mas principalmente , a abrangência da rede mundial de computadores a partir da internet.

Levando-nos ao principal tema deste trabalho, as abordagens e conceitos na difusão deste conhecimento na instrução através da web. Estudiosos como Thomas Duffy, Seymour Papert e David Jonassen encontraram na doutrina construtivista, uma oportunidade de associar questões de aprendizagem socioculturais e cognitivas à ferramentas computadorizadas (FILATRO,2008,p.8).

Tal método, conceituado por Robert Gagné em seu livro “The conditions of Learning” divulgado em 1965, tornou-se alvo de estudo de diversos pedagogos como Inácio(2007) que afirma, fundamentado na tese de Gagné:

Ensinar não significava transmitir conhecimentos, mas orientar o formando no desenvolvimento das suas capacidades naturais, pelo que se devem adoptar metodologias activas de aprendizagem – os formandos aprendem fazendo. Na óptica das teorias cognitivistas, devem ser apresentadas situações problema para que os formandos possam resolver por si mesmos. A aprendizagem é um processo activo, de associação e de construção. Os indivíduos (re)constróem novas ideias, ou conceitos, baseados nos seus conhecimentos passados e actuais, e não são um produto directo do ambiente, das pessoas ou de factores externos àquele que aprende. (INÁCIO, 2007, p.20).

Conduzindo, tal prática ativa, segundo Maia e Mattar (2007) tem como foco a construção do conhecimento através da interação de indivíduos (MAIA e MATTAR, 2007,p.4). O papel do aprendiz torna-se órgão condutor, tomando decisões conduzido pela participação, de uma que a educação seja produto da interação e de como tal representa suas idéias de maneira construtiva. Trazendo então, em seu enunciado, a importância do uso de tecnologias para a composição deste ambiente de educação, conceituando o ambiente de EaD como “Uma modalidade de educação em que professores e alunos estão separados, planejada por instituições e que utiliza diversas tecnologias de comunicação”. (MAIA e MATTAR, 2007, p.6)

Caracterizado pelos autores, a nova forma de aprendizagem e modelo que domine a educação contemporânea, sendo assim, o ForGrad vêm associando diversas organizações que tornam-se especializadas em áreas como estas, tendendo para um conceito de educação como sistema aberto, acarretando processos inovadores como consequência da experiência de cada um dos atuantes da didática (ForGrad, 2002,p.14).

Desta forma, Francisco Gutierrez e Daniel Prieto , em seu livro A Mediação Pedagógica (1994), definem novos processos de educação como abordagem de conteúdos que transcendem temas e formas de expressão, tornando-se dentro do processo didático, uma aprendizagem tanto criativa e expressiva quanto racional e participativa (GUTIERREZ e PRIETO,1994).

Os autores qualificam o ensino presencial baseado na paixão do professor, dado seu papel principal como mediador e condutor do ensino, já no sistema a distância os materiais são os principais agentes, já que estes “encarnam essa paixão. São eles que permitem ao estudante encontrar e concretizar o sentido do processo educativo”(idem,p.9). Sendo assim, é necessário avanço em escolas no termos de aprender e ensinar para uma plataforma digital, baseiam-se em compreender capacidades à cada tecnologia, envolvendo um processo de conscientização e ambientação que ultrapassa os domínios da tecnologia (ALMEIDA, 200?)

Durante a adaptação do sistema educativo, surgiram conceitos como a educação semipresencial ou até mesmo o EaD apoiando as atividades presenciais, permitindo amplificar interações, seja em rompendo o conceito de aprendizado apenas para espaços como salas de aulas e o tempo para este período. Favorecendo também o intercâmbio de informações entre estes dois ambientes,que segundo o psicólogo Robert Bjork(1994) alternar o ambiente ajuda na assimilação do conteúdo. Porque, como estudos do mesmo, nosso cérebro não elimina informações adquiridas, apenas não consegue assimilá-las após um longo período sem utilizá-las. A diversificação de lugares e métodos didáticos faz com que o cérebro associe a informação à mais, como por exemplo o uso de TIC.

Posto isso,neste trabalho será apresentado maneiras de otimizar a condição da aplicação e utilização de uma AVA com parâmetros qualificados na

ótica da pedagogia construtivista e do design educacional, ocasionando um impacto positivo na educação e na sociedade digital. Discutindo então , a partir de estudos de educadores e pedagogos.

2 PLANEJAMENTO DE UMA AVA

O primeiro passo para o planejamento de uma AVA é considerar uma gestão educacional ciente do projeto e à favor da implementação de tal em seu processo de ensinagem. Este passo, apesar de tão importante apresenta uma dualidade em sua realização, sendo esta tarefa feita sem total concernimento ou nem mesmo feita.

É evidente que o modelo de educação formal hoje considerada como EaD é popularmente tratada como segunda classe e de difícil implementação no país. Porém o que esta parcela da população, cética ou desinformada, não conhece a regulamentação da prática no artigo 80 da LDB, do Decreto nº 2494 do dia 10 de fevereiro do ano de 1998:

“Educação a distância é uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação.”.

Além disso, a LDB demonstra um incentivo tomando parte no uso das inovações tecnológicas para a educação na Lei nº9 394/96 em sua primeira menção:

“O poder público incentivará o desenvolvimento e a vinculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.”.

Dito isso, fica claro que a implementação de um programa EaD se bem planejado e gerido pode tem apoio de órgãos públicos e respeita a base de educação nacional, neste subcapítulo será apresentado como formular uma estrutura adequada para que esse processo de ensino tenha um impacto positivo.

2.1 O papel do Design Educacional

O termo design, por não ter nenhuma tradução do inglês para o português , como a língua espanhola tem “dibujo”, sempre enfrentou dificuldade em ter sua compreensão completa.

Por outro lado, em seu termo inicial, como Bernhard E. Bürdek(2010) ,professor na Escola de Design de Offenbach am Main, fica bem claro sua usabilidade “foi no ano de 1588 que, pela primeira vez, o termo ‘design’ foi mencionado e descrito como: um plano desenvolvido pelo homem ou esquema que possa ser realizado” (idem, p.13). Em uma conclusão contemporânea Gomes Filho (2010) caracteriza design como “a concepção e planejamento de todos os produtos feitos pelo homem”.

Um destes produtos, entre layouts e tecnologias, também compreende a concepção de conceitos e aplicação do design nesses, como a educação, que filiado a gestão de inovação “evidencia as possibilidades do design no planejamento e implementação de softwares educacionais”Fenner(2000,p.4 apud BATISTA;MENEZES,2008).

O design educacional já se aplicava na educação muito antes da conceituação de Fenner, produzindo materiais que auxiliavam o processo de aprendizagem, entretanto com a introdução de conceitos como softwares educacionais que normalmente caracterizam ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), canal mediador que conecta educador com educando, funcionando como uma sala de aula o design educacional assume uma maior importância como destaca Filatro(2007):

Desde seu surgimento como ciência da instrução, o design instrucional esteve tradicionalmente vinculado à produção de materiais didáticos, mais especificamente à produção de materiais impressos. Mas, com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, em especial a internet, e sua crescente incorporação às iniciativas educacionais, o design instrucional passou a ser entendido como um processo mais amplo. Envolve – além do planejar, preparar, projetar, produzir e publicar textos, imagens, gráficos, sons e movimentos, simulações, atividades e tarefas relacionados a uma área de estudo – maior personalização dos estilos e ritmos individuais de aprendizagem [...], favorecendo ainda a comunicação entre os agentes do processo (professores, alunos, equipe técnica e pedagógica, comunidade) (FILATRO, 2007, p. 33).

É coerente então, a exaltação dessa etapa pedagógica na construção de ambientes digitais, visto que esta tem consequência no conteúdo e no esqueleto da plataforma ; e na interação desta com o ambiente presencial.

2.2 Gestão, atuação e aplicação da AVA

Por considerações didáticas será apresentado a aplicação da AVA, introduzindo essa aos atores da plataforma, tanto estudantes quanto professores, para após isso justificar sua formatações para as intenções expostas nesse e nos outros capítulo.

O primeiro passo na introdução desse método em uma rota de aprendizado já existente no processo de ensino é a familiarização e adaptação da didática para e com esta plataforma. ALMEIDA e PRADO(2006) nos advertem que ao trabalharmos com tecnologia não fazemos apenas um transporte do conteúdo para esse novo formato, isso apenas afeta um fenômeno que poderia melhor a didática com o uso de hipertextos e TIC:

“Fazer educação à distância como a virtualização da prática de sala de aula acaba empobrecendo o processo de ensino e aprendizagem. Primeiro porque esta virtualização embora seja baseada na reprodução do contexto presencial, induz a perder elementos específicos fundamentais da presencialidade e, segundo, porque ela não incorpora as características dos recursos do ambiente virtual e, portanto, deixa de se beneficiar de contribuições que esses ambientes podem trazer ao ensino e à aprendizagem tais como a interação multidirecional, os registros digitais e a recuperação instantânea das intervenções e a organização das informações com os mecanismos automáticos de busca. “ (idem,p.2).

O EaD em seu ambiente virtual compreende outros recursos e interatividade construtivista, contornando problemas como distâncias e tempo, viabilizando múltiplas conexões em períodos e locais diversos, expandindo e disseminando informações e tarefas em comunidade, tornando-se um aprendizado já testemunhado por códigos e softwares open-source, no qual os direitos autorais permitem o estudo na modificação e distribuição livre. A educação digital também pode ser um sistema aberto “ com mecanismos de participação e descentralização flexíveis, com regras de controle discutidas pela comunidade e decisões tomadas por grupos interdisciplinares”(MORAES,1997,p.68).

O conceito de distância também pode ser discutida na ótica da mediação pedagógica, na qual Michal Moore, professor, designou como “distância transacional”, a qual pode ser medida pela amplitude do diálogo educativo (baixo ou frequente) e pelo grau da estrutura em que esta conversação é aplicada (rígida e flexível) (BOUCHARD,2000,p.76).

Neste contexto, já mencionadas durante esse trabalho as TIC , podem ser utilizadas como instrumentos na aproximação no diálogo, entre estudante e professor. Contribuindo em interações, caminhos de aprendizado e por fim produções interdisciplinares, que podem ser analisadas e atualizadas por educadores, acompanhando o comportamento do aprendiz em relação à plataforma, estabelecendo assim uma relação que vai além da transposição classe para web. Segundo Almeida (2000,p.79) ambientes como estes tem como função imperativa, “desperte a disposição para aprender (Ausubel apud Pozo,1998), disponibilize as informações pertinentes de maneira organizada e, no momento apropriado, promova a interiorização de conceitos construídos” revelando o papel do professor neste ambiente, ou até mesmo de novos educadores especializados em organizar informações e criar situações que reforcem o aprendizado.

Outra ferramenta, que pode ser utilizada é o hipertexto, que funcionam guia para navegar entre páginas e interações da sua plataforma, este funciona como ligações entre concepções e conceitos por meio de nós em link, unindo a rede de informações de sua aplicação em diferentes formas de expressão, como páginas, links, imagens , sons , animações. Segundo Almeida (2003) o hiperxtexto apresenta várias vantagens em seu uso no processo de aprendizagem

“O hipertexto disponibiliza um leque de possibilidades informacionais que permitem ao leitor interligar as informações segundo seus interesses e necessidades, navegando e construindo suas próprias seqüências e rotas. Ao saltar entre as informações e estabelecer suas próprias ligações e associações, o leitor interage com o hipertexto e pode assumir um papel mais ativo do que na leitura de um texto do espaço linear do material impresso. “

O que cabe, da mesma forma que a cocriação de caminhos a atuação como mentor do professor, deixando-o em um regime semi-aberto, o educador cria situações que reforcem conceitos mas não operam em plantão integral, caso contrário, a necessidade do professor manterá a hierarquia presencial, “perpetuando uma abordagem de ensino que em situações tradicionais de sala de aula já se mostraram inadequadas ou ineficientes” (ALMEIDA,2003,p.331).

E o desejado de uma plataforma EaD é o aprendizado do aluno apoiado não em professor, mas sim em uma plataforma, “não é o professor que ensina, mas sim o aluno que aprende”(INÁCIO,2007,p.25). A didática do professor se torna a estrutura da plataforma, que se bem construída cumpre seu papel, no próximo tópico

revisaremos, agora com a mentalidade da atuação do educador e do plataforma no ensino digital.

2.2 Métodos de EAD e suas estruturas

Uma vez analisado os princípios do Design Educacional e o comportamento de uma AVA é perceptível os passos a seguir na estruturação do ambiente digital, estudioso da área, José Armando Valente aplica o conceito do “estar junto virtual” para verificar a qualidade da sala de aula online, atuar nesse ambiente significa tomar decisões, trocar informações e experiências produzindo assim conhecimento. A condição do EaD deve propiciar interações a partir de seus recursos, organizando comunidades que discutem problemáticas e temas, pesquisam e cocriam produtos ao mesmo tempo que pesquisam de forma extracurricular (ALMEIDA,2001).

A escolha da estrutura para tal resultado engloba uma pesquisa de público-alvo a fim de definir o perfil dos alunos, a proposta da didática e o grau de tecnologia atrelado ao aprendizado. Salmon (2000), em sua pesquisa realizada na Open University sobre interações de educadores e alunos no EaD, principalmente participantes dos cursos de MBA, encontrou-se uma proposta pedagógica de 5 passos que devem ser seguidos relacionando com a intenção do EaD e característica do público:

- I. **Acesso e motivação:** Trata-se de objetivos e estrutura do AVA, incluindo formas de envio de produtos de pesquisas e avaliações, trabalhando na motivação e grau de importância dos elementos;
- II. **Socialização on-line:** Fornecer apoio pedagógico e técnico no que se diz respeito, respectivamente, a didática e a plataforma. Direcionar e deixar claro os resultados esperados, cumprindo o papel da plataforma “resolver problemas, conciliar indivíduos aparentemente alienados, ajudar os participantes que têm interesses e necessidades similares a se encontrarem” (SALMON,2000,p.30).

- III. **Troca de informações:** A plataforma deve incitar a comunicação da forma mais rápida e eficaz para o público-alvo proposto.
- IV. **Construção do conhecimento:** Trata-se de momentos que o educador reforça as idéias por meio de dinâmicas, é importante lançar problematizações que estimulem reflexões (SALMON,2000,p.32-33)
- V. **Desenvolvimento:** A proposta da plataforma, neste momento se torna uma comunidade que expande a distribuição do conhecimento em processo de subsistência “ responsáveis pelo seu aprendizado através das oportunidades proporcionadas”(SALMON,2000,p.35) , ou seja, participantes mais experientes podem assumir papel de formadores, auxiliando os mais novos na comunidade.

Estudos da pesquisa de Salmon(2000), resultaram em dois principais métodos de ensino apoiados nessa estrutura, principalmente para o treinamento técnico-profissional. O primeiro deles , o *e-learning* é centrado na seleção,disposição e acesso a recursos midiáticos para exercícios didáticos. O uso excessivo dos TIC condicionou esse método de aprendizado à falta de interações de usuários para trocar informações, discutir temas e resolver problemas, contrariando diretamente os itens II,III e V da tese de Salmon (2000). O método então, através de estudos de caso, foi acusado de causar desmotivação, altos índices de desistência e baixa produtividade por falta de sua análise colaborativa.

Ainda no setor corporativos, na tentativa de preencher a lacuna da interação inter-pessoal em cursos EaD, autores indicam um novo método o *blended-learning*(DA NOVA,2003), atribuindo neste a capacidade de um mesmo ambiente abrigar diferentes tecnologias e metodologias, sendo possível se adaptar à necessidade de diversas empresas. Porém foi apenas no *blended-learning* híbrido, em que o conceito semi-presencial foi adicionado na plataforma, com a possibilidade de formação síncrona em aulas e reuniões e aprendizagem assíncrona em AVAs.

Por fim, Nevado (2005) conclui que em um ambiente de aprendizado digital, há de se priorizar o aluno, tornando-se uma “rede de aprendizagem” não umas rede de ensino apoiada em uma plataforma flexível e adequada ao público, seja qual método esta utilizar, fazendo-se a imagem do aluno e encorajando-o a ser ele mesmo durante o aprendizado(SALMON,2000).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho analisou dezenas de trabalhos científicos e livros especializados acerca do tema EaD na era digital, envolvendo assim conceitos pedagógicos e tecnológicos , provando que há uma forte ligação e um futuro otimista no desenvolvimento de AVAs.

A prática digital pode-se ser capaz de romper barreiras de tempo-espço em uma educação assíncrona acompanhada de um profissional, que pode usar a plataforma para romper com as barreiras da “distância transacional” com o uso de hipertextos e TIC, que criam situações de aprendizados únicos, também promovendo a acessibilidade, a partir da adaptabilidade da plataforma, para cerca de 20 milhões de brasileiros portadores de deficiência ou transtornos (como dislexia e autismo).

O EaD então pode ser considerada uma solução tecnológica, democrática, acessível e que segundo o projeto Formação de Gestores Escolares e Coordenadores para a Gestão de Tecnologias de Informação e Comunicação pela PUC/SP em 2002, a introdução de TIC nas práticas educacionais promovem a construção de uma comunidade de indivíduo que se relacionam, produzem conhecimento e convivem com as diferenças respeitando-se mutuamente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **O computador na escola: contextualizando a formação de professores**. 2000. Tese (Doutorado em Educação)_ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **Formando professores para atuar em ambientes virtuais de aprendizagem**. In: ALMEIDA, F. J. (Coord). Projeto Nave. Educação a distância: formação de professores em ambientes virtuais e colaborativos de aprendizagem. São Paulo: [s.n.], 2001.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini e PRADO, Maria Elisabette. B. **Estratégias em Educação a Distância: a plasticidade na prática pedagógica do professor online**. mimeo (circulação restrita), 2006.

BATISTA, Márcia; MENEZES, Marizilda. **O design gráfico e o design instrucional na educação a distância**. Design, arte e tecnologia. n. 4. São Paulo: PUC-Rio e Unesp-Bauru, 2008.

BJORK,Robert e DRUCKMAN,Daniel.**Learning, Remembering, Believing: Enhancing Human Performance**.National Research Council. 1994. Washington, DC.

BÜRDEK, Bernhard. **Design: História, teoria e prática do design de produtos**. São Paulo: Editora Blucher, 2010.

COMTE, Auguste. **Discurso sobre o espírito positivo**. São Paulo. Editora Escala: 2007.

FILATRO, Andrea. **Design instrucional na prática**. São Paulo: Pearson, 2008.

FILATRO,Andrea.**Design Instrucional Contextualizado; Educação e Tecnológica n.2**. São Paulo:Senac.2007.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE GRADUAÇÃO DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS . **Educação a Distância (EAD) na graduação : as políticas e as práticas**. Curitiba, 2002.

GUTIERREZ, Francisco e PRIETO Daniel. **A Mediação Pedagógica. Educação à Distância Alternativa**. Campinas (SP), Papirus, 1994.

HORKHEIMER, M. **The End of Reason. Studies in Philosophy and Social Science**. New York, v. 9, 1941.

INÁCIO, Magda. **O processo de aprendizagem**. Lisboa: Delta Consultores e Perfil, 2007.

MAIA, Carmem; MATTAR, João. **ABC da EaD: a educação a distância hoje**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente** . Campinas: Papirus , 1997.

BOUCHARD, P. **Autonomia e distância transacional na formação a distância**. In: ALAVA, S. (Org.). Ciberespaço e formações abertas . Porto Alegre: Artmed, 2000.

NEVADO, Rosane Aragon. **Ambientes virtuais que potencializam as relações de ensino-aprendizagem**. In: Boletim Salto para o Futuro.2005.

Da NOVA, F. **Quais as novas opções tecnológicas do blended learning?** UFSC: LED, 2003.

SALMON,Gilly.**E-moderating: The Key to Teaching and Learning Online**. London: Kogan Page, 2000.